

METÁFORAS DA MORTE NOS DISCURSOS LITERÁRIO E MÉDICO DURANTE A EPIDEMIA DE HIV/AIDS NO BRASIL

Urandi Rosa Novais (UFS)
urandinovais@gmail.com

RESUMO

O estudo empreendido objetivou estudar metáforas e metonímias conceptuais de morte, em textos literários e da área de medicina, mapeando como os aspectos cognitivos, sociais, históricos e culturais estão atrelados a esse processo de significação. O trabalho está embasado nos pressupostos teóricos da Semântica Cognitiva Sócio-Histórica-Cultural (SANTANA 2019; ALMEIDA, 2020; NOVAIS, 2023), da Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF E JOHNSON, 1980; LAKOFF, 1987), da Visão multinível da Metáfora Conceptual (KÖVECSES, 2020; LEAL, 2020; SILVA, 2021) e na Teoria da Metonímia Conceptual (PAIVA, 2011). A pesquisa possui uma abordagem qualitativa de caráter descritivo, explicativo e interpretativo, bibliográfico e documental. O corpus foi composto por contos e artigos científicos da área médica, publicados entre os anos de 1980 a 2000, constituído a partir da Teoria dos Fractais (MANDELBROT, 1982; PAIVA, 2011; 2010) e da Técnica da Saturação Teórica (FLAQUETTO *et al.*, 2018; FONTAELLA, 2011; SANTANA, 2019). Os resultados encontrados nos possibilitaram refletir sobre como as metáforas e metonímias conceptuais podem moldar determinados discursos na sociedade.

Palavras-chave:

HIV/AIDS. Metáfora conceptual 2. Metonímia conceptual.

ABSTRACT

The study undertaken aimed to study conceptual metaphors and metonymies of death, in literary and medical texts, mapping how the cognitive, social, historical and cultural aspects are linked to this process of meaning. The work is based on the theoretical assumptions of Socio-Historical-Cultural Cognitive Semantics (SANTANA 2019; ALMEIDA, 2020; NOVAIS, 2023), Conceptual Metaphor Theory (LAKOFF AND JOHNSON, 1980; LAKOFF, 1987), Multilevel Vision Conceptual Metaphor (KÖVECSES, 2020; Leal, 2020; SILVA, 2021) and the Theory of Conceptual Metonymy (PAIVA, 2011; SPERANDIO, 2014; 2015). The research has a qualitative approach of a descriptive, explanatory and interpretative, bibliographic and documentary nature. The corpus was composed of short stories and scientific articles from the medical field, published between 1980 and 2000, based on the Fractal Theory (MANDELBROT, 1982; PAIVA, 2011, 2010) and the Theoretical Saturation Technique (FLAQUETTO *et al.*, 2018; FONTAELLA, 2011; The results found allowed us to reflect on how conceptual metaphors and metonymies can shape certain discourses in society

Keywords:

HIV/AIDS. Conceptual metaphor. Conceptual metonymy.

1. Introdução

O tema da morte é algo que instiga a humanidade desde tempos pretéritos. Para alguns a morte é vista como castigo divino para a humanidade enquanto para outros ela pode ser vista como a mola propulsora de muitas atividades humanas. Conforme Becker (1973), em *Negação da morte*, das muitas coisas que movem o ser humano, o terror da morte é a mais forte e determinante, fazendo com que o animal humano busque diversas maneiras de afastar de si a ideia de finitude.

Esse medo da morte fica muito evidente quando o ser humano enfrenta determinadas doenças que fogem do seu controle. Se fizermos uma retrospectiva, na história, perceberemos que, em determinados momentos, muitas pessoas foram dizimadas por determinadas doenças, fazendo com que a ideia de morte fosse algo próximo e a convivência com ela fosse diária. No entanto, com o passar o tempo e, principalmente, os avanços na área de saúde com a descoberta de medicamentos e tratamentos mais eficazes na prevenção e combate de determinadas enfermidades, essa ideia de morte passou a ser distanciada.

Dito isso, o presente trabalho teve por objetivo estudar metáforas e metonímias conceptuais de morte, em textos literários e da área de medicina, mapeando como os aspectos cognitivos, sociais, históricos e culturais estão atrelados a esse processo de significação. Pois, no momento da conceptualização, há uma gama de informações que são acionadas no processo de significação e são essas informações que nos interessam mapear, para compreender como essas metáforas e metonímias moldaram os discursos médico e literário, no contexto da epidemia de HIV/AIDS, no Brasil, entre os anos de 1980 a 2000.

O estudo empreendido se justifica pela necessidade de ampliar as investigações acerca da significação da morte, abarcando um período específico da história do nosso país. Além disso, as mortes decorrentes da epidemia de HIV/AIDS foram conceptualizadas das mais diversas formas, englobando experiências religiosas, científicas, morais etc. Dessa maneira, acreditamos que os textos produzidos nesse contexto, principalmente, os selecionados para compor o nosso corpus de estudo, devem contribuir nesse processo de investigação acerca da conceptualização da morte.

No tocante à metodologia, nossa investigação é de caráter qualitativo, utilizando os seguintes tipos de pesquisa: explicativa, descritiva, documental e bibliográfica, pois essas técnicas contribuem para o estudo

interpretativo dos dados encontrados no *corpus* abordado; este foi constituído de textos literários, contos, escritos por Caio Fernando Abreu (1948-1996), e textos da área de saúde publicados em cinco periódicos de grande circulação nacional (*Revista Bioética, Informe Epidemiológico do SUS, Revista de Saúde Pública, Revista Brasileira de Epidemiologia, e os Cadernos de Saúde Pública*) publicados por diferentes pesquisadores. A composição da nossa amostra de pesquisa se deu a partir do uso da Técnica da Saturação Teórica (Cf. SANTANA, 2019; FLAQUETTO *et al.*, 2018; FONTAELLA, 2011) e a Teoria dos Fractais (Cf. MANDELBROT, 1982; PAIVA, 2011, 2010).

Os resultados encontrados nos possibilitaram refletir sobre como determinadas metáforas conceptuais são capazes de moldar os discursos de uma época, pois a ideia e conceito que se constrói de morte não é apenas um estado, mas também um símbolo complexo que varia de pessoa para pessoa e de uma cultura para outra (Cf. BECKER, 2020 [1973]).

2. *A Semântica Cognitiva Sócio-Histórica-Cultural e suas teias teóricas*

O trabalho empreendido se ancorou nos pressupostos teóricos da Semântica Cognitiva Sócio-Histórica-Cultural, doravante SCSHC. Essa vertente de pesquisa é mais uma das muitas ilhas teóricas dos estudos em Linguística/Semântica Cognitiva. A SCSHC “está embasada em uma visão experiencialista da cognição e considera, em suas investigações, a simbiose entre as dimensões social, histórica, cultural, além da dimensão cognitiva, na geração do significado” (ALMEIDA; SANTANA, 2020, p. 113).

Assim, o pensamento adotado nos estudos em SCSHC está embasado em uma visão experiencialista da cognição e relaciona a capacidade cognitiva dos indivíduos ao contexto sócio-histórico-cultural-político-ideológico (Cf. ALMEIDA; SANTOS, 2019). Sendo assim, ao realizar estudos e pesquisas na perspectiva da SCSHC:

Compreendemos que falamos e/ou escrevemos sobre a visão que construímos do mundo e não propriamente sobre o mundo, tal como dado independente de nós. Então, os conceitos gerados pela espécie humana acham-se inter-relacionados ao tempo, à cultura, à ideologia que os produzem e os recriam ou, até mesmo, às posições individuais que afloram no uso linguageiro. Assim sendo, qualquer significado é posicionado, já que, ao ser construído nas diferentes interações humanas, as perspectivas daqueles

que o elaboram, no discurso, impõem-se. (ALMEIDA; SANTOS, 2019, p. 141)

Para conceber essa ideia de significado perspectivista, experiencialista e corpóreo, a SCSHC considera a linguagem enquanto um fenômeno atrelado à biologia humana, pois todas as dimensões da nossa experiência visual como, por exemplo, o movimento, a textura, a forma etc., como as demais modalidades perceptivas ratificam a ideia de que nossa experiência está indissolivelmente atrelada à nossa estrutura. Assim, “(...) quando examinarmos mais de perto como chegamos a conhecer esse mundo, descobriremos sempre que não podemos separar nossa história das ações – biológicas e sociais – a partir das quais ele aparece para nós” (MATURANA; VARELA, 2001 [1984], p. 28).

Desse modo, ao buscar compreender e produzir sentidos acerca do mundo que constrói e no qual está inserido, o ser humano utiliza-se dos mais diversos processos cognitivos e, dentre eles, a metáfora merece destaque. Ela desempenha esse papel por fazer parte da nossa vida cotidiana, estando presente na nossa linguagem, no nosso pensamento e, também, nas nossas ações, ou seja, “(...) Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do que pensamos e atuamos, é fundamentalmente de natureza metafórica” (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 39).

Neste trabalho, estudamos a metáfora conceptual (MC) a partir da visão multiníveis adotada por Kövecses (2017; 2020). Segundo o referido pesquisador, há, em uma metáfora conceptual, uma articulação simultânea de estruturas conceptuais ou unidades que podem ser identificadas a partir de níveis de esquematicidade. Em seus estudos, ele aborda 4 deles: o nível dos Esquemas de Imagem (EIs), o dos Domínios (DMs), o dos *Frames* (*FRs*) e o dos Espaços Mentais (EMs), considerando ainda mais um nível, o nível cinco, em que a metáfora conceptual seja instanciada, ou seja, esse nível está relacionado às expressões linguísticas que instanciam as metáforas e ao contexto em que os textos estudados estão articulados.

Além de estudar os níveis esquemáticos da MC, buscamos estabelecer relações entre metáforas e metonímias conceptuais, pois a metonímia é também elemento da cognição humana e está presente em nossa vida cotidiana, possibilitando-nos compreender os mais diversos conceitos. Assim, podemos afirmar que a metonímia é “um processo cognitivo e linguístico através do qual usamos uma coisa para nos referirmos a outra” (LITTLEMORE, 2015, p. 1).

A importância da metonímia enquanto processo cognitivo e linguístico se dá pela necessidade que temos de englobar o máximo possível de informações sobre o mundo de uma maneira mais administrável (Cf. SILVA, 2021; LITTLEMORE, 2015). Assim, as características metonímicas (parte/todo, característica por pessoa, continente pelo conteúdo, causa por efeito, marca pelo produto etc.) nos possibilita reunir o máximo de informação possível de uma maneira mais prática e objetiva.

Por isso, nossa pesquisa adotou uma postura teórica que investigou as relações existentes entre metáfora e metonímia, sendo essa relação necessária à investigação que realizamos sobre a conceptualização da morte. Pois, ao desenvolver nosso estudo, estabelecendo a interação entre metáfora e metonímia, foi possível compreender melhor o fenômeno estudado.

3. *Caminhos metodológicos*

O estudo, aqui apresentado, foi realizado a partir de uma pesquisa de caráter qualitativo, pois essa abordagem de pesquisa abarca, em sua realização, diferentes métodos de investigação, para estudar um determinado fenômeno situado em um local, para entender seu sentido, como também interpretar os sentidos que as pessoas dão a esse fenômeno (Cf. CHIZZOTTI, 2003).

Essa escolha se deu pelo fato de os estudos em SCSHC buscar articular o texto ao contexto em que foi produzido. Pois, em nosso estudo, não nos interessa apenas a expressão linguística que instancia a metáfora e/ou metonímia conceptual, mas, também, o contexto em que o texto de onde a expressão linguística foi retirada e o sujeito escrevente. Pois, como afirma Mattos e Silva (2004), ao realizarmos estudos que articulam texto e história, principalmente os estudos linguísticos, devemos abordar não só as questões sobre “língua”, mas também sobre quem fala, ou seja, os sujeitos escreventes. Assim, ao considerarmos, em nossa investigação, texto-contexto-sujeito escrevente, acreditamos abarcar o máximo de informações possíveis no processo de conceptualização de morte nos discursos médico e literário, durante a epidemia de HIV/AIDS, no Brasil.

Nosso corpus de pesquisa foi composto por textos literários (contos) e artigos científicos da área médica. Para delimitação da nossa amos-

tra de pesquisa, utilizamos a Técnica da Saturação Teórica¹² que, conforme Thiry-Cherques (2009), é um mecanismo que valida a pesquisa, abordando e colhendo informações nos diversos setores e áreas em que seja impossível ou desnecessário o tratamento por probabilidade da amostra de pesquisa.

Embora seja uma técnica adotada nas áreas de saúde, administração e marketing, ela tem sido utilizada nas pesquisas em Letras, especialmente no campo da Linguística/Semântica Cognitiva (Cf. ALMEIDA, 2020; SANTANA, 2019), sendo que essas pesquisadoras mantiveram a preocupação e a responsabilidade do fazer científico no que concerne ao fechamento da amostra de pesquisa por saturação teórica.

Aplicamos essa técnica de maneira que a coleta de dados foi interrompida a partir do momento em que os Domínios Matrizes começaram a se repetir, como mostra a tabela abaixo:

Tabela 1: Ponto de Saturação nos artigos científicos.

Artigos Científicos	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Domínios Matrizes												
CONSEQUÊNCIA	X		x		x		x	X	x	x	x	x
PERIGO							X					
GUERRA		X										
EVENTO		X				x						
ORGANISMO VIVO			X									

Legenda: X novo Domínio Matriz; x Recorrência do Domínio Matriz.

Fonte: Novais (2023, p. 196).

Conforme a tabela acima, fica evidente o momento em que os artigos científicos deixaram de nos oferecer novos DMs relacionados à conceptualização de morte. Essa aplicação também foi realizada com os textos literários, conforme a tabela abaixo.

¹² A técnica da saturação teórica é uma ferramenta utilizada em pesquisas qualitativas, para estabelecer e delimitar o tamanho de uma amostra de estudo, evitando, dessa forma, a captação de dados não relevantes para o estudo do fenômeno observado. Isso se deve ao fato de esses estudos prezarem pela qualidade dos dados e não apenas pela probabilística da quantidade (NOVAIS, 2023, p. 102).

Tabela 2: Ponto de Saturação nos contos.

Dominios Matrizes	Contos				
	1	2	3	4	5
EVENTO	X	x			
ORGANISMO VIVO	X		x		
SENTIMENTO		X			
PERIGO			X		
GUERRA			X		
VIAGEM			X	x	
PROCESSO					X

Legenda: X novo Domínio Matriz; x Recorrência do Domínio Matriz.

Fonte: Novais (2023, p. 196).

Conforme apresentado na tabela 2, não houve ponto de saturação, pois apenas 5 contos do já citado autor nos forneceu expressões linguísticas que instanciam metáforas conceituais de morte.

Delimitado tamanho da nossa amostra de pesquisa, ou seja, 8 artigos científicos e 5 contos, recolhemos os excertos textuais que apresentavam as expressões linguísticas em que encontramos metáforas e metonímias conceituais de morte.

Depois de recolher todos os excertos textuais, organizamo-los a partir das metáforas conceituais que instanciavam e qual Domínio Matriz era acessado no processo de conceptualização conforme o quadro abaixo.

Quadro 1: Organização do estudo do corpus¹³

Excerto textual	Metáfora Conceptual	Domínio Matriz
[...] e agora vejo apenas um rapaz dentro do qual a morte caminha inexorável, só não sabemos quando o golpe final , mas virá [...] (ABREU, 1994, p. 191).	MORTE É GUERRA	GUERRA

Fonte: elaboração nossa.

Realizada essa organização, passamos ao estudo do corpus da seguinte forma: apresentação da metáfora conceptual e as expressões lin-

¹³ Apresentamos nesse trabalho apenas o estudo da Metáfora Conceptuais: MORTE É GUERRA. Pretendemos, em estudos futuros apresentar outras metáforas conceituais que foram encontradas em nosso corpus de estudo.

guísticas que as instanciaram; em seguida, apresentamos o estudo dos níveis esquemáticos e a relação entre metáforas e metonímias conceptuais, como veremos na seção a seguir.

4. Metáforas e Metonímias podem moldar o pensamento coletivo: estudo do corpus

O estudo da metáfora conceptual MORTE É GUERRA busca demonstrar como determinadas metáforas podem estruturar os discursos de uma determinada sociedade, revelando estigmas e preconceitos que precisam ser revistos e combatidos.

4.1. MORTE É GUERRA

Estudos surgidos a partir da teoria proposta por Lakoff e Johnson (1980) evidenciam como recorremos ao domínio da GUERRA, para a compreensão de outros domínios. No nosso estudo, por exemplo, recorremos ao referido domínio, para compreender o fenômeno da conceptualização da MORTE.

Quadro 2: Ocorrências da Metáfora Conceptual MORTE É GUERRA.

MORTE É GUERRA		
Ocorrência ¹⁴	Autor	Excerto textual
06	ABREU (1994)	[...] e agora vejo apenas um rapaz dentro do qual a morte caminha inexorável, só não sabemos quando o golpe final , mas virá [...] (p. 191).
11	COHEN <i>et al.</i> (1993)	Ocorre que o diagnóstico, com efeito de uma bomba, põe em xeque as defesas psíquicas anteriores, uma vez que denuncia toda a vulnerabilidade humana, antes impossível de ser percebida. Desse confronto com a morte a melhor saída é a de quem estima a própria vida e nela acredita, mesmo levando em conta a sua contingência, inclusive porque o abatimento emocional debilita o corpo, tornando-o ainda mais vulnerável. (p. 02).

Fonte: Novais (2023, p. 140).

¹⁴ As ocorrências 06 e 11 foram as que instanciaram a metáfora conceptual MORTE É GUERRA. Por isso, mantivemos o número, obedecendo a ordem encontrada no corpus da pesquisa. Ressaltamos que, neste trabalho, apresentamos apenas uma das muitas metáforas encontradas.

Ao aplicarmos a visão multiníveis da metáfora (KÖVECSES, 2020; 2017; LEAL, 2020; SILVA, 2021), é possível identificar os seguintes Esquemas de Imagem envolvidos na MC MORTE É GUERRA: LIGAÇÃO, PARTE/TODO, FORÇA, FORÇA CONTRÁRIA e TRAJETÓRIA. O EI LIGAÇÃO é estrutural, ligando os dois domínios envolvidos no processo de conceptualização; o EI PARTE/TODO, também, é estrutural, pois usamos parte dos elementos do domínio GUERRA para compreender MORTE. O EI de FORÇA, mais especificamente, o de FORÇA CONTRÁRIA se dá a partir das seguintes expressões linguísticas: “*Desse confronto com a morte*” e “*golpe final*”, pois, essas expressões nos possibilitam estabelecer uma relação com nossa experiência corpórea de confronto, combate, luta, ou seja, nos opor a uma força contrária, sendo que esses sentidos estão articulados ao DM da GUERRA.

Ainda é possível, na ocorrência 06, identificar o EI TRAJETÓRIA, com foco na META, ou seja, o objetivo final que, neste caso, é a morte do sujeito portador de HIV/AIDS, como é possível perceber na seguinte expressão linguística: “(...) e agora vejo apenas um rapaz dentro do qual a morte caminha inexorável, só não sabemos quando o golpe final, mas virá”. Pela expressão, é possível perceber que a morte traça um determinado trajeto para cumprir seu objetivo final: ceifar a vida do indivíduo.

No segundo nível esquemático temos o Domínio Matriz GUERRA. Isso se dá, principalmente, pelo fato de a morte ser causada por uma doença, AIDS. E, quando se fala de doença, as metáforas da guerra são evocadas. O DM GUERRA acaba se constituindo por diversos *frames*; estes compõem o terceiro nível esquemático da referida MC, sendo eles: LUTA e GOLPE FINAL presentes na expressão linguística “só não sabemos quando o golpe final, mas virá”; ESTRATÉGIA DE ATAQUE/DEFESA presente na expressão linguística “põe em cheque as defesas psíquicas”; BOMBARDEIO evocado na expressão linguística “Ocorre que o diagnóstico, com efeito de bomba”; CONFRONTO presente em “Desse confronto com a morte”.

Nessa evocação de *frames* para elaboração do conteúdo conceptual, chegamos ao nível menos esquemático e mais específico da MC, ou seja, os Espaços Mentais, pois é a partir deles que conseguimos mapear os sentidos presentes nas ocorrências. A ocorrência 06 foi extraída de um texto literário e aciona o EM de CONFIR-MAÇÃO, pois a referida ocorrência é oriunda de um conto datado e localizado no contexto da epidemia de HIV/AIDS, em um momento em que não existia tratamento para

a doença. Assim, a pessoa que se descobria portadora de HIV/AIDS, de certa forma, travava uma luta pela vida. Mas, infelizmente, com ausência de tratamento efetivo e a ação do vírus, enfraquecendo o sistema imunológico do paciente, era uma luta perdida, pois acabava morrendo em decorrência dos agravamentos da doença.

Na ocorrência 06, temos a expressão linguística que confirma essa derrota sofrida pelo sujeito com HIV/AIDS, naquele contexto epidêmico: “a morte caminha inexorável, só não sabemos quando o golpe final, mas virá (...)”. Nessa expressão, levando em consideração o item léxico “inexorável” usado para caracterizar a morte e, considerando o contexto em que o referido texto foi publicado, podemos perceber o quanto a morte era implacável e severa, ou seja, naquele contexto, descobrir-se portador de HIV/AIDS era confirmar a perda da luta pela vida, sofrendo a severidade das ações da doença por todo o corpo até o momento do “*golpe final*”, isto é, da morte do sujeito infectado por HIV/AIDS.

Já na ocorrência 11, oriunda da área médica e escrita por um médico, evoca o EM de ENFRENTAMENTO. Nela, temos a seguinte construção de sentido: o sujeito se vê diagnosticado de forma positiva para HIV/AIDS, “Ocorre que o diagnóstico, com efeito de bomba”, relacionando ao bombardeio de informações e sensações sentidas pela pessoa ao receber o diagnóstico positivo, para uma doença que lhe levaria à morte. Por outra parte, o *frame* ESTRATÉGIAS DE DEFESA acionado pela expressão linguística “põe em cheque as defesas psíquicas” pode ser relacionado à situação psicológica do sujeito que se vê condenado à morte por uma doença que, neste caso, é a AIDS e, por fim, ao evocar o *frame* CONFRONTO, “Desse confronto com a morte”, é acionada a ideia de confrontar a morte, possibilitando ao paciente, naquele contexto epidêmico, lidar, da melhor maneira, com a ideia de morte, para evitar o abatimento emocional e não ficar ainda mais vulnerável à doença que o mataria.

Além disso, quando trazemos o contexto da ocorrência, relacionando-o ao gênero textual artigo científico e ao conceptualizador escrevente, um médico. É possível compreender o uso dos *frames* evocados pelos EMs para a construção da prática real de comunicação. Pois, é comum, no discurso da área médica, o acionamento da nossa experiência com guerra, para falar sobre as doenças e, também, sobre a morte.

Para além da MC MORTE É GUERRA, é possível identificarmos a metonímia conceptual que se apresenta de duas formas, a depender da perspectivação que adotamos. Seguindo os pressupostos de Lakoff

(1987) e Radden e Kövecses (1999), temos a metonímia conceptual como um efeito prototípico, pois, ao retomarmos a expressão linguística “Desse confronto com a morte”, na ocorrência 11, temos o item léxico “confronto”; este, considerando o contexto em que os textos estão dados e localizados, pode ser considerado o elemento mais prototípico da categoria GUERRA que é acionada como DM estruturante da referida MC. Esse efeito prototípico do item CONFRONTO, como já discutido, levou em consideração aspectos do contexto sócio-histórico-cultural, ou seja, entre os muitos itens que compõem a categoria GUERRA, o que mais forneceu informações sobre a guerra travada contra a morte em decorrência de HIV/AIDS foi o item CONFRONTO.

Por outro lado, adotando a perspectiva da metonímia conceptual enquanto um fractal da linguagem (Cf. PAIVA, 2010, 2011; ALMEIDA, 2015; SANTANA, 2019), a referida expressão linguística, ao trazer o item léxico “confronto”, realiza um processo de compressão de todo o DM GUERRA, pois, o *frame* CONFRONTO tem a capacidade de comprimir todo o cenário de guerra, sendo que, partindo da nossa experiência, em um confronto, podemos mapear: os adversários envolvidos na guerra, as estratégias de ataque e defesa, o lado mais vulnerável, as vítimas mortas e feridas, entre outras características que perpassam um ambiente de guerra.

Assim, ao evocar “Desse confronto com a morte”, no cenário de epidemia de HIV/AIDS, há, no item léxico “confronto”, uma compressão de todo o processo envolvido desde o diagnóstico da doença, a aceitação, o enfrentamento dos preconceitos e estigmas sociais, os abalos psicológicos, os tratamentos paliativos e até mesmo a aceitação da ideia de morrer.

Na ocorrência 06, é possível, também, perceber a metonímia enquanto um elemento fractal da linguagem não só pela relação PARTE/TUDO, mas, principalmente, pela capacidade de compressão que ela exerce nesse contexto de uso, pois “golpe final” comprime uma gama de informações que, a partir do contexto em que o texto está inserido, pode ser acionado: o sujeito se descobre com HIV/AIDS, em um contexto sem tratamento efetivo – “um rapaz dentro do qual a morte caminha inexorável”, trava uma luta pela vida com tratamentos paliativos que não surtem efeito; a doença se instala no organismo, debilitando o sistema imunológico, deixando o paciente suscetível às doenças oportunistas – “só não sabemos quando o golpe final, mas virá”, essas doenças levam o indivíduo à morte, ou seja, na luta pela vida entre o sujeito convivendo com

HIV/AIDS e a morte, esta sai vencedora ao dar o golpe final no paciente. E, em uma luta, o golpe final aciona o vencedor (morte) e o perdedor (paciente convivendo com HIV/AIDS).

5. *Considerações finais*

Estudar as metáforas conceptuais a partir da visão multinível (Cf. KÖVECSSES, 2020; 2017) nos possibilitou mapear os aspectos estruturantes de uma metáfora conceptual. Além do mais, esses aspectos ratificam os procedimentos teóricos e metodológicos adotados pela SCSHC que, em suas investigações, considera a ideia de mente corporificada, ou seja, os aspectos cognitivos, sociais, históricos e culturais estão atrelados a esse processo de significação.

O estudo nos demonstrou como as metáforas e metonímias conceptuais podem determinar o pensamento e comportamento da sociedade em relação à morte provocada por uma doença, pois, conforme Sontag (1989) muitas metáforas fazem o doente sofrer mais que a própria doença. Assim, ao relacionar o diagnóstico positivo para HIV com a ideia de morte, muitas pessoas, convivendo com o HIV/AIDS, viam-se desesperadas, desamparadas e excluídas do convívio social.

Tanto o discurso médico quanto o discurso literário, ao apresentar a MC MORTE É GUERRA, possibilitaram-nos perceber a visão estigmatizada e preconceituosa da sociedade da época da epidemia de HIV/AIDS, no Brasil. Por isso, é necessário debater, rever conceitos, para combater os estigmas que ainda existem em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Caio Fernando. *Os dragões não conhecem o paraíso*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

_____. *Ovelhas negras*. Porto Alegre: L&PM, 2009.

ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. Estamos sempre em guerra? Estudo Cognitivo Sócio-Histórico de uma metáfora da Gripe Espanhola e da COVID-19. *Estudos Linguísticos e Literários*. n. 69, 2020, p. 366-95, Salvador.

_____; SANTANA, Neila Maria Oliveira. *Semântica cognitiva sócio-histórica: estudos sobre o significado*. Salvador: EDUNEB, 2020.

_____; _____. A Semântica Cognitiva Sócio-Histórico-Cultural: Questões Epistemológicas. In: LOPES, N. da Silva; SANTOS, E.S. dos; CARVALHO, C. dos S. (Orgs.). *Língua e Sociedade: Diferentes Perspectivas, Fim Comum*. São Paulo: Blucher, 2019. p. 113-32

_____; SANTOS, Elisângela Santana dos. O estudo do significado léxico em semântica sócio-histórico-cognitiva. In: *Macabéa – Revista eletrônica do Netlli*, v. 8, n. 2, p. 136-57, Crato, 2019.

BESSA, Marcelo Secron. *Histórias positivas: a literatura (des)construindo a AIDS*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

COHEN, Cláudio; FAIMAN, Carla Júlia Segre. AIDS: ataque ao sistema de defesas psíquicas. *Revista Bioética*, v. 1, n. 1, p. 01-05, 1993.

KÖVECSES, Zoltán. *Extending conceptual metaphor theory*. Cambridge: Cambridge University press, 2020, p. 50-92.

_____. Levels of metaphor. *Cognitive linguistics*, v. 2 n. 28, p. 321-47, Amsterdam, 2017.

LAKOFF, George. *Woman, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George; TURNER, Mark. *More than cool reason: a field guide to poetic me-taphor*. Chicago: The University Chicago Press, 1989.

LEAL, Morgana de Abreu. *Metáforas do medo*. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Educação e Humanidades – Instituto de Letras – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro, 2020. 241f.

LITTLEMORE, J. *Metonymy: Hidden Shortcuts in Language, Thought and Communication*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

MANDELBROT, Benoît. Fractais. In: FAUSTO, R. *et al.* (Org.). *Fronteiras da ciência: desenvolvimentos recentes Desafios futuros*. Coimbra: Gradiva, 2003.

MATURANA, H.; VARELA, F. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. Trad. de Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2001.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. O processamento metonímico/metafórico à luz da teoria do caos/complexidade. *Revista Portuguesa de Humanidades/Estudos Linguísticos*, p. 51-66, 2011.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. A metonímia como processo fractal multimodal. *Veredas online* – atemática, p. 07-19, PPG linguística/UFJF – Juiz de Fora, 2010.

SANTANA, Neila Maria Oliveira. Estudo Sócio-Histórico-Cognitivo das conceptualizações e categorizações do amor em cartas dos séculos XIX e XX. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras – Universidade Federal da Bahia, UFBA, Salvador, 2019. 212f.

SONTAG, Susan. *Aids e suas metáforas*. Trad. de Paulo Henrique de Brito. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

TUIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Saturação em pesquisa qualitativa: estimativa empírica de dimensionamento. *Revista Brasileira de Pesquisas em Marketing (PMKT)*, v. 2, p. 20-7, setembro, 2009.

NOVAIS, Urandi Rosa. *A epidemia de HIV/AIDS no Brasil: um estudo semântico cognitivo sócio-histórico-cultural da conceptualização da morte no século XX*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2023. 193f.